

Mídias e Questões Étnico-Raciais em Diálogos entre Antropologia e Comunicação¹

Nara Maria Emanuelli Magalhães²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

Resumo

Este artigo propõe algumas reflexões teóricas sobre uma pesquisa em andamento³, que estuda percepções e representações de sujeitos que se auto-definem como negros, comparadas a abordagens da televisão sobre questões étnico-raciais, e interações a respeito do tema em redes sociais como o facebook. Os sujeitos estão sendo contatados a partir de espaços universitários (como a Universidade Federal de Santa Maria), e são pessoas que buscam a valorização da raça negra, vivida positivamente, como valorização social. A experiência de uma pesquisa anterior com estudantes de países africanos que buscam formação no Brasil, analisando a pós-diplomação em Missões Científicas a países de origem como Cabo Verde, Moçambique e Guiné-Bissau, com apoio do CNPq, lançaram algumas bases e motivaram a pesquisa atual, trazendo questões sobre as quais propomos refletir.

Palavras-chave: mídias tradicionais; novas mídias; questões étnico-raciais; televisão; facebook.

Este artigo propõe reflexões teóricas sobre uma pesquisa desenvolvida atualmente junto ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Maria, durante a realização de Pós Doutorado. A pesquisa em andamento propõe estudar representações de sujeitos que se auto definem como negros, comparadas a algumas representações da televisão a respeito de questões étnico-raciais, bem como representações de outros que se consideram não negros, e interagem em redes sociais a respeito da temática. Os sujeitos estão sendo contatados a partir do espaço universitário⁴, e podem ser pessoas envolvidas nas questões das cotas, militantes do movimento negro, estudantes de países africanos vindos ao Brasil através de convênios internacionais⁵, e/ou sujeitos que demonstram (mesmo que sem militância) na interação nesse espaço, um orgulho de ser de raça negra, assim vivenciada positivamente, como traço de valorização social. Para analisar as representações da televisão, o recorte são

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), no âmbito do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD)/CAPES, sob Supervisão da Profa. Dra. Sandra Rúbia da Silva.

³ A pesquisa está sendo desenvolvida atualmente junto ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, durante a realização de estudos de Pós Doutorado.

⁴ Refiro-me ao espaço da Universidade Federal de Santa Maria, considerando que se trata de um espaço contemporâneo multicultural, lugar onde se cruzam diferentes nacionalidades.

⁵ A experiência de realização de uma pesquisa anterior, que envolveu missões científicas a três países africanos com apoio do CNPq, foi importante para a definição das questões propostas.

as abordagens do programa jornalístico “Jornal Nacional”, da Rede Globo de televisão, sobre matérias e reportagens envolvendo as questões étnico raciais.

O foco é triangular⁶ (os sujeitos, a mídia e os outros), mas com ênfase nos sujeitos que se auto definem como negros: quais suas interpretações, vivências, que iniciativa ou agência já protagonizaram no sentido da sua pertença identitária, envolvendo as questões étnico-raciais e conflitos relacionados a elas; como interpretam representações da mídia a respeito, que outras representações constroem e que diálogos diretos e indiretos com as produções televisivas aparecem em suas construções identitárias; as representações que os outros constroem a respeito deles e as repercussões dessas construções midiáticas em seus espaços de convívio. Representações aqui estão sendo entendidas como produções simbólicas construídas na vida em sociedade, e que não estão isentas de relações de poder, para alcançar legitimidade e se tornarem aceitas⁷.

O estudo é focado em pontos de vista específicos de indivíduos que pautam sua atuação, com maior ou menor ênfase, na valorização da identidade étnico-racial. Buscamos compreender sua relação cotidiana com os meios de comunicação, com destaque para a televisão, e considerando também o acesso e interação em redes sociais como o facebook. Procuramos conhecer algumas de suas práticas cotidianas, e dialogar sobre o modo como analisam os bens produzidos pela televisão⁸, e como interagem nas redes sociais, suas considerações sobre produções de estereótipos e/ou reforço das desigualdades e o modo como afetam suas vidas, segundo seus relatos.

A perspectiva de análise se dá comparativamente, em diferentes planos, ou seja, buscase destacar o ponto de vista dos próprios sujeitos representados, algumas abordagens da mídia tradicional televisiva a respeito de questões com as quais se identificam/confrontam, para cotejá-los entre si e com o ponto de vista de outros, analisando consequências recíprocas desse debate identitário público, e os diversos tipos de agência⁹ promovidos pelos sujeitos, inclusive iniciativas protagonizadas em novas mídias como o facebook.

Com o estudo, temos como objetivo geral contribuir para o debate a respeito da dinâmica cultural brasileira, através da comparação entre representações sobre identidades

⁶ Para construir o foco, inspiramo-nos em Armando Silva (2004), que propõe, para estudar os urbanismos cidadãos, centrar em três dimensões: os dados oficiais, as visões da mídia e os próprios cidadãos.

⁷ A este respeito, ver Foucault (1979) e também Rabinow (1986; 1999). Sobre as identidades dos sujeitos e suas representações, ver Hall (1998), especialmente o capítulo “Nascimento e morte do sujeito moderno” (p.23-46).

⁸ Consideramos os bens produzidos pela televisão no mesmo sentido de Bourdieu (1979), quando define “bens culturais” como aqueles cujo significado não é apenas econômico, mas envolvem valores subjetivos que precisam ser investigados.

⁹ Refiro-me ao conceito de agency utilizado por Sherry Ortner em sua discussão sobre uma “teoria da prática”, para se referir a vários tipos de ações e práticas que os sujeitos protagonizam em contextos variados, em processos que incluem relações de poder. Ver Ortner (1984 e 2007).

étnico-raciais, procurando evidenciar se em alguma medida o debate público sobre o tema tem conseguido ou não ampliar espaços para que as diferenças construídas com base nelas sejam vistas como distintividade e positividade; é nossa intenção também compreender alguns novos significados atribuídos a práticas relacionadas à televisão, tais como possíveis usos da visibilidade que proporciona, de modo a ampliar nossa percepção sobre a agência das pessoas nas dinâmicas de construção identitária que envolvem a mídia, e os diversos protagonismos construídos por grupos em disputa por espaço, numa época em que o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação alcança grande parte da sociedade, inclusive os grupos que denominamos minorias¹⁰.

Entre nossos objetivos específicos estão o de compreender e analisar algumas das complexidades envolvidas no “jogo de espelhos”¹¹ que se realiza entre algumas produções culturais da mídia televisiva sobre sujeitos negros e interpretações construídas pelos próprios sujeitos representados, bem como as representações de outros que se consideram não negros, procurando verificar algumas das expressões dessas múltiplas representações no processo de convívio e na dinâmica social, inclusive nas interações em rede. Conhecer algumas das práticas cotidianas, usos domésticos e públicos protagonizados pelas pessoas¹² pesquisadas sobre a (e em torno da) televisão e seus produtos culturais, bem como analisar algumas repercussões nas redes sociais, a partir dos destaques dos sujeitos pesquisados.

Questões étnico-raciais ou raças?

Sabemos que o debate sobre raças no final do Século XIX gerava muitos preconceitos e exclusões, reforçando as relações de desigualdade¹³. Mas as teorias do início do Século XX

¹⁰Tradicionalmente, têm sido considerados minoritários aqueles grupos com características consideradas diferentes da maioria da sociedade. As minorias étnicas podem ser definidas simultaneamente por si mesmas, através de critérios específicos de pertencimento (fronteiras de inclusão) e pela sociedade envolvente (fronteiras de exclusão). Podem, também, acionar traços de sua tradição (a ancestralidade por exemplo), como alavanca para o alcance de algum recurso político (Banton, 1977). Atualmente, este conceito tem sido ampliado e abrange todo grupo humano em situação de desvantagem social, cultural, econômica, política ou jurídica, cujos direitos são vulnerabilizados apenas por possuírem alguma ou algumas características diferentes das do grupo dominante da sociedade. Ver Ana Lopes (2006).

¹¹ Expressão utilizada por Sylvia Caiuby Novaes (1993), em livro do mesmo nome. Ver especialmente capítulo sobre a fabricação da identidade, em que a autora discute a possibilidade de grupos indígenas utilizarem códigos do mundo “moderno” dos brancos para reafirmarem sua diferença e suas identidades “tradicionalistas” indígenas.

¹² Ao nos referirmos às expressões “individuais”, aos “sujeitos” e às “pessoas” pesquisadas, não estamos neste momento problematizando essas categorias, o que poderá ser feito se o desenrolar da pesquisa assim o exigir. Para compreender a importância e o impacto desse debate no campo antropológico, ver Dumont (1993), Da Matta (1987), Duarte (1986, 2003).

¹³ Referimo-nos a teorias dos Séculos XVIII e XIX, como a de Joseph Gobineau (1816-1882), que fundamentaram a expansão colonial e imperial de nações europeias, justificando a subjugação de povos e territórios. Ver a respeito Giddens (2005, p. 205). Ver também Boas, que já em 1930, discutindo a metodologia das Ciências Sociais para explicar as formas culturais, recusava determinismos como o geográfico, econômico e racial (recusando as teorias de Gobineau). Em suas palavras: “Não acredito que se tenha dado até hoje qualquer prova convincente de uma relação direta entre raça e cultura. (...) Características hereditárias têm um valor cultural quando são socialmente significantes...Qualquer tentativa de explicar as formas culturais numa base puramente biológica está fadada ao fracasso.” (Boas, 2005, p. 60).

sobre supostas "democracias raciais"¹⁴ se mostraram ainda mais perversas, pois impediam as reivindicações de direitos daqueles atingidos pelos preconceitos. Na virada do Século XXI, ganhou força a racialização do debate, numa outra direção, como forma de valorização das identidades e singularidades. O resgate do orgulho da raça negra, por exemplo, foi reforçado por movimentos sociais que propõem a valorização das diferenças como parte da diversidade cultural, que podem ser entendidas dentro de uma nova política de identidades (Hall, 1998). Tanto nos estudos teóricos como no movimento social, houve proposições nunca plenamente atingidas de abandonar a ideia de raça e adotar-se a noção de etnia, por considerá-la menos carregada de valor, e menos geradora de preconceito. Mas, na atualidade, os movimentos sociais propõem ressignificar a noção de raça, positivando-a. Com isso, pressionam e influenciam o surgimento de novas políticas de inclusão racial, que buscam através de ações concretas, reparações históricas de injustiças sociais: cotas para ingresso nas universidades; critérios para demarcação de terras de quilombos, entre outras. Essas medidas geram calorosos debates, demonstrando que raças podem não existir geneticamente, mas permanecem como valor na cultura¹⁵ (Barcellos, 2004), por isso a grande importância do tema e a relevância desta investigação proposta.

Por outro lado, as abordagens da mídia a respeito têm proliferado, mas pouco têm sido estudadas, especialmente através de pesquisas que busquem privilegiar o contexto etnográfico e a visão de nossos interlocutores em campo, buscando ir além do tom de denúncia sobre abordagens estereotipadas¹⁶. Por isso, a importância de estudar os sujeitos que se auto representam como negros e, além das interpretações da mídia que protagonizam, dos vários usos que fazem das tecnologias digitais, buscar compreender as relações que estabelecem com a mídia, em momentos rotineiros do cotidiano, ou em momentos de luta política por valorização identitária.

Num contexto em que vivemos nesse início de Século, onde os valores internos às sociedades se chocam, questionando proposições relativistas que chegam a parecer ingênuas (Geertz, 1999), podemos pensar no papel que a mídia tem na expressão de valores

¹⁴ Como o argumento desenvolvido por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, no início do século XX, que colocaria o Brasil para o resto do mundo como uma experiência bem-sucedida de mistura de raças e de "democracia racial", ideia que permaneceu em um imaginário que dificultou o combate ao racismo, considerado como "inexistente" por aqui.

¹⁵ Ver, por exemplo, o artigo de Daisy Barcellos (2004b) sobre o "ódio" racial, em coletânea organizada por Claudia Fonseca, que debate os direitos humanos.

¹⁶ Essa proposição de estudos etnográficos sobre televisão no atual contexto encontra eco nas análises realizadas por Abu-Lughod, *The Interpretation of Cultures after television*. A autora afirma que estamos apenas começando a encontrar o ponto de entrada para um trabalho etnográfico que resgate a importância da televisão no imaginário e na vida das pessoas na sociedade contemporânea (2000). Dialogando com mulheres do alto Egito sobre suas vidas, relações de parentesco, de vizinhança, etc. e uma série televisiva, demonstra como a televisão pode ser boa para falar de megaconceitos (como sugeriu Geertz), e até para repensar o conceito de cultura ou culturas.

conflitantes, como aqueles que envolvem questões étnico-raciais. Consideramos que as normas e prescrições que a sociedade e a cultura ditam sobre comportamentos; as representações que as pessoas de diferentes grupos constroem sobre si mesmas, sobre as relações com os outros e as demandas sociais a que estão sujeitas num contexto de cruzamento de valores, podem ser com maior facilidade acessadas pelo pesquisador se estiver atento às novas formas de interação social com a mídia que os sujeitos estabelecem na sociedade atual¹⁷.

As pesquisas sobre sujeitos que se situam no campo das relações étnico-raciais, e que se auto definem como negros, muito nos têm revelado sobre seus estilos de vida, histórias, e complexos esquemas de pertencimento. A discussão também nos revela um viés que sai das “fronteiras” do grupo propriamente ditas para pensá-la num esquema mais complexo que envolve forças políticas e jurídicas. As comunidades tradicionais, por exemplo, têm notoriamente acumulado visibilidades desde os ganhos políticos oriundos da constituição de 1988¹⁸. Porém, pouco tem se falado da mídia, do debate que pauta a respeito, do protagonismo dos sujeitos quanto às construções identitárias e suas visibilidades, das elaborações e reelaborações midiáticas em torno desse tema.

Vale ressaltar que, enquanto isso, a temática da diferença étnica tem ganhado cada vez mais espaço na mídia. Existe a recorrência de “leituras desconfiadas” sobre várias demandas envolvendo essas problemáticas, como aquelas relacionadas aos quilombolas, por exemplo, que colocam em jogo a pertinência e veracidade dos pleitos políticos por regularização fundiária¹⁹. Ou as relacionadas aos ingressos por cotas em universidades, questionando critérios de auto atribuição de cor²⁰. Por outro lado, os sujeitos envolvidos parecem interessados em “responder” a tais “desconfianças”. Queremos contribuir, com esta pesquisa, para conhecer alguns elementos dessa controversa relação, e para ampliar o repertório dos vários sujeitos que interagem na universidade a respeito das polêmicas e conflitos sobre questões étnico-raciais. Gostaríamos também dar a conhecer as práticas dos sujeitos mais diretamente envolvidos nessa luta, ao expor seu protagonismo social por

¹⁷ Ver proposição a respeito da televisão como “pretexto” para falar de si e do outro, ou como metáfora para falar de personagens, para expressar valores conflitantes ou afins e construir comunidades de sentido, em Magalhães (2008).

¹⁸ E aqui foi aberto todo um campo de trabalhos antropológicos, de elaboração de laudos que muitas vezes foram reapropriados pelas comunidades no sentido da luta por direitos à propriedade territorial. Ver debates a respeito na coletânea “Antropologia extramuros”, organizada por Gláucia Silva (2008).

¹⁹ Ver a respeito Salaini e Magalhães (2009).

²⁰ Uma abordagem sobre cotas encontra-se em Arabela Oliven (2007).

valorização identitária, contribuindo para que essa identidade seja positivada, e suas relações com a mídia sejam vistas de outro modo, além dos argumentos de manipulação.

Estamos considerando a importância da categoria raça para a discussão sobre a identidade cultural dos sujeitos com os quais se faz a pesquisa, sem considerá-la, no entanto, de modo essencialista. Consideramos que, do ponto de vista biológico, raças não existem, mas do ponto de vista cultural e social, elas estão permanentemente definindo pertencimentos, inclusões e exclusões. Preferimos, portanto, trabalhar considerando que não há uma essência de cor, mas sim uma gradação de cores²¹, às quais os sujeitos recorrem para auto definir-se. Estamos privilegiando essa gradação auto atribuída na pesquisa.

A categoria de “identidade” tampouco está sendo considerada como estanque. As considerações de Paul Gilroy a respeito das identidades negras reportarem-se ou não à África, nos servem de referência: “A história do Atlântico negro fornece um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e à mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas” (2008, p.30).

Além dessas questões, compartilhamos também algumas preocupações com grupos de pesquisa que procuram analisar o contexto atual de diversidade cultural, considerando-o como pano de fundo em distintos temas de pesquisa. Reconhecendo-a como um fenômeno com características próprias que demanda novas posturas metodológicas e um giro de perspectiva teórica, bem como uma reflexão sobre os limites do relativismo diante de conflitos advindos não mais (ou não só) de outras sociedades com costumes diversos, mas internamente às sociedades, com grupos assumindo posturas conflitantes a respeito do que se considera “correto” e/ou “normal”, queremos contribuir para a análise desse complexo contexto de colagem com este estudo. As identidades étnico raciais diante e através da mídia são aqui pensadas neste contexto de cruzamento diário entre distintas referências culturais²², buscando pistas sobre os processos de legitimação e deslegitimação construídos pela mídia e/ou seus intérpretes, ou pelos atores interagindo em redes sociais.

Estudos sobre mídias: antropologia e comunicação

Consideramos importante definir aqui em que sentido estamos tomando os estudos sobre televisão e redes sociais, ou mídias tradicionais e novas mídias. Para tanto, faremos um breve resgate histórico sobre as diferentes abordagens, ressaltando algumas categorias (como

²¹ Ver, a respeito, o estudo de Daisy Barcellos (1996) sobre elites negras de Porto Alegre.

²² Outro debate inspirador para pensar o cruzamento entre fronteiras do pensamento, e sobre as divisões “artificiais” que construímos entre as ciências ditas naturais ou exatas e as ciências sociais, é aquele proposto por Latour (2005).

cultura, ideologia, hegemonia, autor/leitor, receptor, entre outras) e metodologias priorizadas²³.

A importância de estudar a televisão e sua repercussão sobre a sociedade tem sido destacada por vários estudiosos, desde o seu surgimento. Os precursores já se preocupavam em estudar os efeitos da televisão sobre a população (Merton e Lazarsfeld, 2000 [1978]). Ainda nos anos 40, esta temática começou a interessar um grupo de filósofos alemães: a conhecida Escola de Frankfurt²⁴. Só após os anos 50 é que a temática começou a interessar os sociólogos, inicialmente os seguidores de Merton. A grande maioria dos estudos durante esse período inicial centravam-se na análise dos meios, de seu poder, de seus efeitos, de suas intenções ocultas. Outro problema que durante muito tempo ocupou os pesquisadores da comunicação foram as tentativas de controle do poder dos meios sobre a população.

Os autores da Escola de Frankfurt trabalhavam com o pressuposto de que um determinado sistema de produção de símbolos está ligado a um modo social de produção. No debate teórico deste período, o conceito de ideologia era central. Pensada como indissociável de um conteúdo de falsidade e dissimulação da realidade, levada a efeito pela classe dominante, a concepção de ideologia completava-se com a análise da massificação e homogeneização levada a efeito pelos meios de comunicação, a serviço da mesma classe e dos quais a grande “massa” seria alvo.

O cenário começou a mudar nos anos 1980, quando proliferaram as críticas aos frankfurtianos e resgatou-se a importância do receptor como sujeito da comunicação, e esta passou a ser vista então como um processo complexo e não apenas num esquema linear. A crítica aos frankfurtianos e a todos que temiam o “fim da cultura” ou a irremediável desqualificação realizada pela mídia foi feita por vários autores, especialmente à sua compreensão da cultura como algo imposto e não construído coletivamente, e à sua suposição de que a massificação seria irreversível, lamentando a destruição das formas estéticas puras²⁵.

Com a incorporação do conceito gramsciano de hegemonia, a discussão avançou. Muitos trabalhos na área de ciências sociais partiam de Gramsci, e abordavam a reelaboração possível de um bem cultural produzido massivamente. Questionou-se então a ideia do

²³ Além desses destaques, que optamos por realizar percorrendo categorias de debate em períodos históricos, reconhecemos que seria impossível no âmbito deste trabalho fazer justiça a toda tradição teórica de pesquisas sobre cultura e televisão. Como esperamos evidenciar, a linha de interlocução adotada aqui perpassa várias áreas do conhecimento: Kaplan (1983), Eagleton (1983), Sousa (1995), Martín-Barbero (1997), Jacks (1987; 2005; 2006), Borelli et al (2000), são algumas das referências, entre outros.

²⁴ O posicionamento desta Escola foi tão importante, que se manteve quase que como única referência considerada válida no debate sobre meios de comunicação de massa no Brasil até meados da década de 80, no chamado paradigma crítico.

²⁵ Quanto a estas concepções, refiro-me especialmente a Adorno e Horkheimer. Para uma crítica à Escola de Frankfurt, ver Eco (1993), e no Brasil, Leal (1986) e Ortiz, Borelli e Ramos (1989), entre outros.

“produtor legítimo”, a partir da análise do processo em que a reprodução e a transformação de uma dada produção hegemônica são simultâneas ou fruto de negociações e relações de poder em que a legitimidade é alternadamente atribuída a diferentes grupos. Nestes e em outros estudos sobre televisão, cinema, literatura, música, da área de Ciências Sociais e Comunicação²⁶, a sociedade é pensada de forma dinâmica e a construção da hegemonia é tomada como um processo, nunca pronto e acabado, que inclui o aspecto da negociação: para que as ideias de uma classe possam ser dominantes, elas precisam ser convincentes, o que não pode acontecer exclusivamente com base em valores falsos.

Neste período, os pesquisadores da área utilizavam o conceito de ideologia de uma maneira muito identificada com a concepção de cultura. Recorrendo ao conceito gramsciano de hegemonia para entender a dinâmica cultural e as oscilações nas relações de poder, definiam ideologia como sinônimo de sistemas de significados construídos coletivamente e próprios de determinada época histórica, sem o conteúdo de falsidade e mascaramento que geralmente lhe era atribuído pelos marxistas²⁷.

Ainda nos anos 1980, temos outro importante debate no campo da literatura: Terry Eagleton (1983) reflete sobre a relação autor-leitor, de um modo que serve de paralelo para pensarmos a relação emissor-receptor e o processo de comunicação como um todo. Em seu livro *Teoria da literatura - uma introdução*, constrói um diálogo com vários autores da filosofia, e questiona concepções que tomam o significado de um texto como se fosse dado pelo que o autor pretendeu que fosse. Segundo ele, não há nada na natureza do texto que leve o leitor a interpretá-lo de acordo com o significado pretendido pelo autor. Só quem considera o significado como algo à parte da linguagem poderia afirmar isto. Ele situa como uma novidade importante para esse debate o surgimento, na Alemanha dos anos 1980, de teorias que denomina de estética da recepção ou teoria da recepção, a qual ele considera como uma manifestação da hermenêutica, a partir da tradição fenomenológica de Husserl e Heidegger.

Esta que Eagleton chama de teoria da recepção corresponde ao que outros autores chamam de estudos de crítica literária. É o caso de Lopes (1998) que, ao fazer um breve balanço sobre a tradição que antecedeu os estudos de recepção, refere-se à existência de algum consenso quanto a considerar as seguintes correntes teóricas como principais: pesquisas dos efeitos; pesquisas dos usos e gratificações; estudos literários; estudos culturais,

²⁶ Refiro-me às abordagens de Ortiz, Borelli e Ramos (1989); Leal (1986); Lopes (1998); Jacks (1987), entre outros.

²⁷ Com isto, tais abordagens foram consideradas responsáveis pela “despolitização” do conceito de ideologia no Brasil. O destaque aqui é para marcar a mudanças de significados das categorias no debate.

e análise da recepção. E a autora considera que os estudos de recepção assumiriam hoje o caráter de uma etnografia das audiências²⁸.

Por outro lado, o campo conhecido como “estudos culturais” constitui conhecida referência em pesquisas sobre a temática da comunicação. Mas eles não podem ser tomados como sinônimo de “estudos de recepção”, apesar de terem muitos pontos em comum. É o que esclarecem Jacks e Escosteguy: a diferença é que no campo dos estudos culturais, “a comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida diária, entendidas estas como todas as atividades que dão sentido à vida social” (Jacks e Escosteguy, 2005, p. 38). E ainda: “para os estudos culturais, portanto, a pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática” (id, p. 39). E as autoras continuam situando a especificidade dos estudos de recepção: “O que caracteriza (...) a análise da recepção são os procedimentos comparativos entre o discurso dos meios e o da audiência, e entre a estrutura do conteúdo e a estrutura da audiência em relação a este conteúdo” (2005, p. 42).

Outros autores buscam contribuir na definição do campo dos estudos culturais, que surgiram na Inglaterra e se espalharam pelo mundo. É o caso de Silva (1999), que situa a diferença entre a época do surgimento e a perspectiva atual: os chamados estudos culturais têm sua origem a partir da fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, na década de 60, mas há uma vertente contemporânea que contempla a perspectiva pós-estruturalista dialogando com a produção de Michel Foucault e Jacques Derrida. Stuart Hall é outro dos autores que fazem parte do campo dos Estudos Culturais, mas que se diferencia do campo, pois propõe um modelo analítico que desloca o foco do texto para a audiência (Jacks e Escosteguy, 2005).

Cabe ressaltar que, nessa pesquisa, com base em experiência anterior (Magalhães, 2004), priorizamos a etnografia, realizando estudos de “etnografia de audiência” quando for o caso (se o trabalho de campo mostrar a relevância de comparar a produção televisiva e a interpretação dos sujeitos), considerando que esta é uma metodologia com especificidade

²⁸ Os estudos de recepção têm por referência na antropologia o trabalho de Leal (1986 e 1993), e na comunicação Sousa (1995), que encontram correspondência na obra Martín-Barbero (1997), o qual influenciou uma série de pesquisas nessa linha em toda América Latina, inclusive em abordagens mais recentes. Nos estudos sobre televisão de modo mais geral, importante referência é a coletânea organizada por Kaplan (1983). Mais recentemente, Jacks e Escosteguy (2005, p. 39-41) referem-se aos estudos nas mesmas cinco tradições citadas por Lopes, mas mantendo diferenciação entre “estudos de recepção” e “etnografia das audiências”.

antropológica, que mantém interfaces com os “estudos culturais” e com os “estudos de recepção”.

Ao analisar as várias tradições de pesquisas sobre meios de comunicação e cultura, podemos perceber que durante um longo período, num Brasil mergulhado num contexto político de dominação e repressão, a perspectiva frankfurtiana foi considerada “a grande explicação”, mantendo seu prestígio inabalável por um período de quase meio século (e ainda hoje constituindo-se em forte referência).

Mas no período imediatamente subsequente, proliferaram as perspectivas dos estudos de comunicação e cultura. E esse proliferar não se fez por acaso, ele foi fruto de uma efervescência no pensamento científico mundial, que atravessou várias áreas do conhecimento. É que a partir da segunda metade da década de 80, o saber científico tornou-se, ele próprio, o centro das reflexões, e houve uma série de questionamentos que colocaram em xeque certos pressupostos, antes sacralizados. Na relação sujeito e objeto de pesquisa, começou-se renegando o próprio termo “objeto”, como forma de tentar refletir sobre as desigualdades criadas na situação de pesquisa. Esta só podia acontecer a partir de uma relação social estabelecida entre no mínimo dois sujeitos – o pesquisador e o pesquisado. As tentativas de acabar (ou diminuir) o poder do pesquisador se estenderam à escrita científica, tendo como proposta a polifonia, isto é, a construção do texto acadêmico a partir das muitas vozes dos pesquisados. Na antropologia, uma das críticas mais contundentes foi ao chamado realismo etnográfico, que seria, entre outras questões, a pretensão de, a partir da pesquisa empírica e da comprovação inegável de que se esteve em campo, tomar a descrição resultante como se fosse “a própria realidade”, construindo a teoria de modo empiricista e dando à teoria um estatuto de verdade inquestionável, como se pudesse expressar fielmente a realidade²⁹.

Com o questionamento ao saber científico, chegou-se ao reconhecimento de que ele é um saber entre outros³⁰, sem aquele estatuto de superioridade e verdade que geralmente lhe era atribuído, desde o seu surgimento no século XVIII. Os ideais da modernidade não só não haviam se realizado, como precisavam ser abandonados.

²⁹ Estamos nos referindo aqui ao debate pós-moderno, que a princípio foi visto como bastante original e depois foi considerado exagerado em vários pontos e muito próprio da realidade dos países hegemônicos, especialmente da antropologia norte-americana. Ver a respeito Eriksen e Nielsen (2007), os quais destacam: “depois do pós-modernismo, a antropologia não podia mais ser vista como discurso privilegiado com acesso à verdade objetiva sobre os povos que ela estudava.” (pág. 180).

³⁰ Os questionamentos sobre o saber científico e a pretensão de verdade ou apreensão da realidade encontram-se já em Foucault, em *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1979; e também em Rabinow, “Representations are social facts: modernity and pos-modernity in Anthropology”, de 1986. Este último artigo mais tarde foi publicado em português, em coletânea junto a outros textos do autor (1999).

Ainda nos anos 90 e adentrando no novo século, a discussão sobre a globalização, que se deu ora sucedendo, ora potencializando o intenso debate sobre o saber científico, veio trazer novo fôlego às ciências sociais como um todo. Segundo os estudiosos do fenômeno, o processo de formação da sociedade global ocorre de modo contraditório, heterogêneo e desigual, levando a transformações nas categorias do entendimento sociológico que buscam explicá-lo. O processo histórico-social de formação da sociedade global é definido tanto pela integração e pela homogeneização quanto por tensões, desigualdades, diferenciações e exclusões³¹.

Nesse contexto, as abordagens sobre as novas tecnologias, e sobre a crescente influência dos meios de comunicação na sociedade ganharam novos matizes, e proliferaram as metáforas – a sociedade do espetáculo (Subirats, 1989), o mundo virtual (Levy, 1993), a sedução televisiva sobre as audiências (Baudrillard, 1992); a era da comunicação (Matellart, 2000). Foi um período de intensos debates e a busca de construção de novas categorias para explicar as aceleradas transformações, num mundo cada vez mais interligado e complexo, marcou nossa produção científica dessa virada de século. A abordagem aqui proposta tem como referência estes questionamentos.

Nesta pesquisa, lançamos um olhar antropológico sobre abordagens midiáticas, considerando que a mídia opera como uma “caixa de ressonância” das múltiplas formas de construção da diferença e da desigualdade social. A discursividade verbal, visual, sonora, etc., que a mídia produz e reproduz, organiza e amplifica uma discursividade social atravessada por essas formas, que estão na base dos processos de recepção e produção dos produtos midiáticos. Esses processos merecem ser estudados em sua complexidade, buscando compreender como são construídas maneiras de legitimar ou deslegitimar, convalidar ou desacreditar modos de conceber o pertencimento e a exclusão, e modos de imaginar e viver as clivagens e as categorias sociais. Consideramos que as variadas mídias, em especial a televisão, podem ser valiosas portas de acesso ao “ponto de vista dos nativos” (Geertz, 1983) no mundo globalizado do século XXI³².

³¹ Este período de intensos debates e questionamentos ficou conhecido como “crise de paradigmas”, e resultou em uma profícua produção teórica, que renovou o projeto das ciências sociais como um todo. Autores como Ianni (1996), Sousa Santos (1994), Giddens (1996), entre outros, abordam as modificações das sociedades contemporâneas, e as novas categorias de entendimento sociológico elaboradas para entender a sociedade global.

³² Para um debate a respeito de cultura(s) e formas culturais, ver Abu-Lughod (2000) e também Appadurai (2001). Para um debate sobre mídia, diferenças e desigualdades, ver Caggiano e Magalhães (2008), bem como a proposta de debate para o GT “Mídia e desigualdades - uma visão antropológica”, coordenado por Nara Magalhães e Isabel Travancas, ABA 2008, Porto Seguro, BA.

Ao atentarmos para as práticas e representações sobre a televisão nesse contexto de diversidade cultural, não estamos supondo que elas possam ser compreendidas de um ponto de vista exclusivamente individual. É sempre necessário atentar para os valores coletivos presentes nas escolhas e posicionamentos individuais. A reflexão sobre as “determinações” da cultura sobre o indivíduo ou ainda sobre as possibilidades de mudança do sistema é uma questão já clássica nas ciências sociais. Sobre a mesma, uma instigante proposição é a de Sherry Ortner (1984). Em seu artigo “Theory in Anthropology since the Sixties”, a autora faz um balanço a respeito das abordagens que privilegiam a “prática” de sujeitos no cotidiano, comparando-as e também buscando nelas visões sobre o “sistema” social ou cultural.

Segundo a autora, os teóricos da prática consideram que a interação e agência humanas podem trazer mudanças, ou “fazer e desfazer o sistema”. A partir de seu estudo, as tensões entre o individual e o coletivo podem ser melhor elucidadas, e certamente serão referenciais importantes para analisar valores de indivíduos que se identificam com um grupo ou grupos étnico raciais, e a exposição midiática mais ampla de traços onde eles se reconhecem ou não.

Reafirmamos a pertinência do método etnográfico para o estudo destes novos contextos. Temos em consideração as afirmações de Geertz: o etnógrafo, afirma ele, tem sido “o conoisneur por excelência de outras maneiras de pensar, dramatizando a estranheza, exaltando a diversidade, e respirando a profusão de pontos de vista” (1999, p. 29). No entanto, no contexto atual, isto não basta: hoje somos obrigados a pensar sobre a diversidade de um modo bem diferente ao que estamos acostumados. Cada vez mais, segundo o autor, estamos vivendo no meio de uma enorme “colagem”.

“Não é apenas no noticiário da noite, onde assassinatos na Índia, bombardeiros no Líbano, golpes na África e tiroteios na América Central são distribuídos entre desastres locais...” (Geertz, 1999, p. 31) que podemos perceber as colagens. Elas estão em toda parte: na linguagem, na cozinha, na música, nas mudanças do mundo rural e urbano, etc. Para entender este mundo, segundo ele, “Precisamos aprender a apreender o que não podemos abraçar” (id., p. 33). Ou seja, compreender aquilo com o que não concordamos, o que implica em rever o que pensamos até aqui sobre etnocentrismo e relativismo, e sobre qual a vocação da antropologia num contexto novo de conflitos “internos” às sociedades, próprio do contexto de diversidade em que estamos mergulhados.

Assim, consideramos frutífero pensar nas definições e indefinições das identidades étnico raciais de um novo ângulo, justamente nas relações que as pessoas envolvidas nos processos de construção identitária, de luta por valorização social, estabelecem com a mídia,

suas interpretações e relações com outros intérpretes, de modo a ressaltar outros aspectos além dos tradicionais que concorrem para as definições identitárias ³³.

Consideramos que o método etnográfico permite o aprofundamento desejado, priorizando os sujeitos pesquisados em relação à mídia. É um método que permite atentar às evocações e percepções dos sujeitos em relação às produções midiáticas e seus usos nas relações familiares, profissionais, de amizade, etc., atentando para as releituras e novos significados acionados. Em debates sobre os desafios antropológicos contemporâneos, destacamos que o método etnográfico tem mantido uma certa invisibilidade sobre a presença dos diversos meios de comunicação no cotidiano, quando os temas de estudo não estão relacionados diretamente à mídia (Magalhães, 2007). Esperamos contribuir para ampliar este debate com a execução dessa pesquisa, e que os resultados da mesma possam contribuir para trazer novas respostas ou, pelo menos, levar à formulação de perguntas novas.

Referências bibliográficas

- ABU-LUGHOD, L. The Interpretation of Culture(s) after television. In: Ortner, Sherry B. **The fate of “Culture”**: Geertz and Beyond. Berkeley: University of California Press, 2000.
- APPADURAI, A. **La Modernidad Desbordada**: dimensiones culturales de la globalización. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, Ediciones Trilce, 2001.
- BANTON, M. Etnogênese. In: **A idéia de raça**. Cap. VIII. São Paulo: Edições 70. Martins Fontes, 1977.
- BARCELLOS, D. M. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ, 1996.
- BARCELLOS, D. M. Violência racial e ofensa social: o ódio do outro e sua desqualificação. In: FONSECA, C. et al. **Antropologia, diversidade e direitos humanos**: diálogos interdisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004 b.
- BAUDRILLARD, J. **Da Sedução**. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Apresentação e tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BORELLI, S. e PRIOLLI, G. **A Deusa Ferida**: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo, Summus, 2000.
- CAGGIANO, S. e MAGALHÃES, N. M. E. Processos imaginários de vivência das diferenças diante e através da televisão. In: 26^a. **Reunião Brasileira de Antropologia**.; GT 23: Diferenças e desigualdades na mídia: um olhar antropológico. Coordenação Isabel Travancas e Nara Magalhães. Porto Seguro, Bahia, junho 2008.

³³ Nessa mesma perspectiva, temos em vista alguns dos pressupostos de Paul Gilroy (2008) a respeito da questão racial. Ele busca definir a modernidade a partir da diáspora negra, e para ele, as culturas negras não são apenas um repositório exclusivo de herança africana. Para a discussão sobre culturas e identidades, ver abordagem de Abu-Lughod sobre o modo como a televisão opera uma ruptura da distância entre o “nós” antropólogos e “eles” os nativos em campo (2000, p. 129). Ou seja, vendo TV juntos, fazemos parte de um mesmo mundo de meios massivos, de consumo e de comunidades de imaginação. Outro estudo sobre identidade e televisão foi realizado por Hughes-Freeland (1998), sobre identidade balinesa e a Televisão Estatal da Indonésia. Ver também discussão que realizei, a partir da pesquisa etnográfica sobre o contexto em que chegava a mensagem televisiva, uma região de colonização alemã, de valorização de uma “identidade gaúcha” e as dubiedades das pessoas sobre o maior ou menor pertencimento a “identidade brasileira” expressa na televisão e na qual elas não se reconheciam (Magalhães, 2004 e 2008).

- DA MATTA, R. A questão da cidadania num universo relacional. In: **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987 (pp 71-104).
- DUARTE, L. F.D. Indivíduo e Pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**. Vol. 8, n. 1, p. 173-183, 2003.
- DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura - uma introdução**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- ERIKSEN, T. H. e NIELSEN, F. S. **História da Antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FELDMAN-BIANCO, B. e CAPINHA, G. **Identidades: Estudos de Cultura e Poder**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____, _____. **Local Knowledge**. Basic Books, 1983.
- _____, _____. Os usos da diversidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, Ano 5, no. 10, p. 13-34, maio 1999.
- GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo, Editora da Unesp, 1996.
- _____, _____. Raça, Etnicidade e Migração. In: **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HUGHES-FREELAND, F. From temple to television: the balinese case. In: **Recasting Ritual: Performance, media, identity**. Felicia Hughes-Freeland and Mary M. Crain Editor. London: Routledge, 1998.
- IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.
- JACKS, N. **Mídia nativa**. Um estudo sobre cultura regional do RS e sua relação com a indústria cultural. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA/USP, 1987.
- JACKS, N. e ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- JACKS, N.; PIEDRAS, E. e VILELA, R. (ORGS.). **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.
- KAPLAN, E. A. **Regarding Television**. Critical Approaches. An Antology. Los Angeles, California: University Publications of America, the American Film Institute Monograph Series, 1983.
- KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- LATOURET, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34, 2005.
- LEITE, I. B.(org.). **Laudos Periciais Antropológicos em Debate**. Florianópolis: Co-Edição NUER/ABA, 2005.
- _____, _____. (org.) **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Ilha de Santa Catarina, SC: Letras Contemporâneas, 1996.
- LOPES, A. M. Multiculturalismo, minorias e ações afirmativas: promovendo a participação política das mulheres. **Pensar**, Fortaleza, v. 11, p. 54-59, fev. 2006.
- LOPES, M. I. Mediações na Recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais. In: **GT Mídia e Recepção. VII COMPÓS**, junho de 1998.
- MAGALHÃES, N. M. E. A invisibilidade da televisão no trabalho de campo antropológico: qual cultura? **Anais da VII Reunião de Antropologia do Mercosul - Desafios Antropológicos**. , v.1, p.GT 35/01 - 01-13, 2007.
- MAGALHÃES, N. **Eu Vi um Brasil na TV: televisão e cultura em perspectivas antropológicas**. Santa Maria: Editora da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), 2008.
- MAGALHÃES, N. e JARDIM, D. Televisão e imigração palestina: perigos e invisibilidades no trabalho de campo antropológico. In: **IBEROAMERICA Global**. The Hebrew University of Jerusalem. Vol. 2, N. 1, Feb 2009.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.
- MATELLART, A. **A globalização da comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

- MERTON, R. e LAZERSFELD, P. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massas**. RJ, Paz e Terra, 2000 [1978].
- NOVAES, S. C. **Jogo de Espelhos**: Imagens da representação de Si Através dos Outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- OLIVEN, A. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. **Educação**, ano XXX, n.1 (61), p. 29-52, jan./abr. 2007.
- ORTIZ, R.; BORELLI, S. e RAMOS, J.M. - **Telenovela**, História e Produção. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- ORTNER, S. B. Theory in Anthropology since the Sixties. In: **Comparative Studies in Society and History**. 26, n. 1, p. 126 – 66, 1984.
- ORTNER, S. B. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M.; ECKERT, C. e FRY, P. (orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25 Reunião Brasileira de Antropologia em Goiânia, 2006. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- RABINOW, P. Representations are social facts: modernity and post-modernity in Anthropology, in Clifford e Marcus. **Writing Culture**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.
- RABINOW, P. **Antropologia da Razão**: ensaios de Paul Rabinow. Organização e tradução João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- RUBY, J. The Viewer Viewed: The Reception of Ethnographic Films. In: **The construction of the Viewer**. Intervention Press, 1995. (Aces: <http://www.temple.edu/anthro/ruby/viewer.html>, julho 1999).
- SALAINI, C.J. e MAGALHÃES, N. M. E. Mídia, identidades étnicas e o debate sobre o autêntico e o inautêntico cultural. In: **33º. Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, MG, 2009. Disponível em: www.anpocs.org.br, GT 10 Cultura, Economia e Política, coordenação Maria Celeste Mira e Edson Farias.
- SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, A. **Imaginários urbanos**: hacia el desarrollo de um urbanismo desde los ciudadanos. Metodologías. Bogotá: Conv. Andre Bello/UNC, 2004.
- SUBIRATS, E. **A Cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.